

1912, o Quebra de Xangô. O roteiro. Documentário

Siloé Amorim*



O roteiro

Roteiro e direção: Siloé Soares de Amorim

Produção executiva: Joabson Santos

Contatos: (82) 99296880/32355745

siloe.amorim@gmail.com

nigrum@bol.com.br

Proposta de documentário

Maceió, 1º de fevereiro de 1912

Um dos golpes mais terríveis para a cultura negra em Alagoas foi a devassa de 1912. Naquele ano, precisamente na noite do dia 1º de fevereiro, de acordo com a documentação disponível e os jornais da época, a “Liga dos Republicanos Combatentes”, sociedade de fins político-partidários destinada à agitação popular contra o governo do Estado – a “oligarquia Malta” –, planejou, dirigiu e executou “o quebra-quebra” da soberania, ou o que hoje se chamaria a “operação xangô”. Essa

* Docente no curso de Antropologia da Universidade Federal da Paraíba.

perseguiu e destruiu a maioria dos terreiros de xangô em Alagoas”. Iniciada naquele começo de século, “o quebra” se estendeu por toda a capital, nas periferias e por todo o Estado¹.

A opressão sofrida a partir da devassa de 1912 pelos negros em Maceió fez recuar as práticas religiosas² e culturais (cosmologia, sistemas de curas, inter-relações sociais, de trocas, entre outros tipos de organizações sócio-religiosas, políticas etc.) dos afro-brasileiros em Alagoas para o confinamento, causando, provavelmente, uma ruptura religiosa, impedindo, talvez, o desenvolvimento de uma organização pós-escravocrata – a partir da Lei Áurea/1888 – da população negra e suas comunidades na região.

O episódio provocou não só a desestruturação dos terreiros, que, de acordo com Félix Lima³, eram mais de cinqüenta em Maceió naquela década, mas, principalmente, interrompeu processos de transformações, integração social e afirmação étnico-cultural e religiosa, bem como os processos de iniciação de crianças, jovens e adultos às comunidades negras em Alagoas, o que causou seu afastamento dos cenários culturais, políticos e sociais (inicialmente na Capital, estendendo-se logo, para todo o Estado) e comprometeu seus relacionamentos e intercâmbios com outras regiões, sobretudo entre Pernambuco e Bahia.

Durante o ano de 1912, mães e pais-de-santo foram perseguidos, surrados. Ao serem invadidos os terreiros (principalmente o de Tia Marcelina), os paramentos e utensílios ritualísticos foram recolhidos pelos “revoltosos e exibidos em passeatas pela cidade”. Os anéis de prata e de ouro cravejados de pedras semipreciosas, os colares de coral desapareceram. Foram talvez, roubados. Os instrumentos musicais, como atabaques, usados nos cultos, colchas e panos entre outros utensílios religiosos, foram, segundo os jornais da época, destruídos ou queimados em praça pública, oprimindo desta forma, as práticas religiosas de matrizes africanas.

As peças que sobraram da devassa, como insígnias de ferros, esculturas de madeira que representavam as divindades africanas (algumas das quais se imagina que tenham sido elaboradas na África e trazidas para o Brasil por Tio Salú, africano, famoso pai-de-santo que fazia intercâmbio entre Alagoas e Bahia e viajava sempre à África) foram, em 1950, reunidas pelo Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas - IHGAL, catalogadas por Abelardo Duarte e Théo Brandão, e reunidas como coleção *Perseverança*, expostas atualmente como acervo do Instituto.

Os cultos afro-brasileiros, que no início do século XX eram praticados, por exemplo, no bairro do Jaraguá, na Levada e em algumas ruas do Centro da Capital, foram, depois, retomados às

1 “Bruxarias”. Jornal de Alagoas, 06.12.1912.

2 Este roteiro toma como referências também o trabalho de doutorado do antropólogo Ulisses Neves Rafael, publicado recentemente com o título: *Xangô rezado Baixo, religião e políticas na primeira república*, São Cristóvão: Editora UFS, 2012.

3 Lima Junior, Felix. Maceió de Outrora, vol. II, Maceió, Edufal, 2001

escondidas em áreas mais afastadas da cidade. Isso leva a crer, que os negros, seus cultos afro-brasileiros, os terreiros, seguiram seu curso de resistência até os dias atuais.

A versão linear do episódio de 1912 reproduziu no imaginário da população afro-descendente a saga da opressão contra os cultos africanos e não recebeu ainda o tratamento análogo do episódio nas mídias nacionais, estando apenas no plano descritivo locais através da coleção *Perseverança* no Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. O “quebra” que culminaria em perseguição de sacerdotes e membros de cultos afros, foi provocado por questões políticas entre partidos governistas no início do século XX. Nesse sentido, a derrota do governador Euclides Malta naquele ano, deve-se a sua suposta relação com os terreiros de xangô.

A oposição, vendo-se derrocada por 12 anos, cria no imaginário popular da época, que as práticas afro-religiosas, na verdade eram práticas de feitiçaria. Malta, que segundo as narrativas da época, era protegido por um dos terreiros mais afamados daquele tempo então, o terreiro de Tia Marcelina, que foi o primeiro a ser brutalmente invadido e seus membros e rituais, humilhados, perseguidos e surrados. Conta-se inclusive que a mãe-de-santo Tia Marcelina, foi brutalmente violentada naquela noite.

O objetivo deste projeto é, portanto, transitar pela história das perseguições aos terreiros de xangô em Alagoas no início do século XX. Uma história cheia de mistérios e opressões, assassinatos e tramas política cujas narrações envolvem as classes populares, a aristocracia rural alagoana e, sobretudo, a controversa classe política local cheia de ambição, falta de escrúpulos e perseguição. O episódio do “quebra”, nos leva a questionar nosso passado nas configurações da política alagoana e suas opressões racistas no início do século XX. É a partir de então, que a narrativa do documentário, confronta depoimentos de antropólogos, historiadores, negros, pais e mães-de-santo e membros do Movimento Negro em Alagoas. Por meio de seus depoimentos analisaremos o episódio daquela nefasta noite do dia 1º de fevereiro de 1912, à noite do “quebra de xangô”. A partir da *Coleção Perseverança*, dos possíveis documentos iconográficos existentes, transitaremos pelos locais dos antigos terreiros em Maceió, Alagoas.

A narrativa se alterna com ficcional (entre o passado e o presente). A partir da reconstituição oral da “noite do quebra”, os fatos serão narrados entre imagens do passado e do presente dos cultos afros em Alagoas, e a história dessa perseguição através dos objetos da *Coleção* e de pessoas ligadas aos cultos afros, também, através de familiares descendentes dos antigos políticos de inícios do século XX, desembocando finalmente, para um diálogo entre o passado e presente não só da população

negra, mas sim também, com a história da perseguição “branca” alagoana: uma consciência histórica, religiosa ainda por construir, assimilar e aceitar.

Eleição e descrição do(s) Objeto(s)

As peças que restaram da devassa: Foram inicialmente reunidas por integrantes da Liga e pela polícia local no intuito de mostrar a relação de Euclides Malta com os Xangôs, em 1912. Classificadas por um “filho de santo” membro de um dos terreiros invadido quando deu-se a repressão aos “xangôs”, os despojos dessa coleção foram depositados na Sociedade Perseverança e Auxílio, hoje Associação dos Empregados do Comércio. Em 1950, foram cedidas ao Instituto Histórico e Geográfico com o nome de “Coleção Perseverança”.

A devassa: Na noite do dia 1º de fevereiro de 1912 deu-se unicamente em um dos terreiros, o de Tia Marcelina, extendendo-se logo, para todo os outros. Nesse dia, verificou-se em Maceió – pequena capital, cuja população ainda com uma mentalidade provinciana e instigada pelas intrigas políticas locais –, um dos episódios de perseguição contra os cultos afro-brasileiro mais violentos de que se tem notícia, na história desta vertente religiosa no Brasil.

O objetivo do levantamento dos dois tópicos anteriores é expor os acontecimentos a partir da noite do “quebra” e do destino dos artefatos religiosos que restaram e foram parar como peças de Museu. A trama do roteiro, terá como eixo esses dois acontecimentos.

A Coleção Perseverança: sua classificação: A Coleção “Perseverança”, passou por várias etapas de classificação. Finalmente, parou nas mãos de eruditos, acadêmicos e estudiosos como Abelardo Duarte e Raul Lody. Em entrevistas, observar os diferentes pontos de vista sobre esta Coleção no sentido de observar o tratamento atribuído à mesma.

Informações sobre a devassa: “Eram já dez e meia da noite, quando o povo, auxiliados por alguns praças de guarnição investiu contra o terreiro de Tia Marcelina – chamado de a “panela de feitiço” – “tudo quebrando, extinguindo e fazendo recolher à cadeia (...) os mais afamados pais de santo (...)”. Uma série de acontecimentos seguiu-se a partir deste feito sem ter sido analisado suas causas, informando uma única versão dos fatos. Pretende-se através desse roteiro, dar visibilidade a algumas versões ou interpretações daquele fato.

A população negra em Maceió no início do século XX: Interessa mostrar suas organizações religiosas, os terreiros, pais e mães-de-santo, a cultura religiosa e suas relações sociais, sobretudo com a política local. Serão ouvidos especialistas e descendentes afro-brasileiros, pais e mães-de-santo, que se pronunciam a este respeito.

Os pais e mães-de-santo do passado – da época do “quebra”

Tia Marcelina, espancada durante a devassa; Manuel Martins teve, segundo relato, seu cavanhaque “arrancado com epiderme e tudo” durante o episódio; Tio Salú, africano, famoso pai-de-santo em Alagoas e na Bahia, elemento de ligação entre os xangôs e os candomblés dos dois Estados e a África para onde viajava com frequência e trazia de lá, peças religiosas, algumas das quais imaginam-se que figuram na coleção. Esses dados são relevantes para situar a problemática e o “real destino” daqueles sacerdotes.

Outros pais de santo que foram perseguidos durante o ano de 1912 foram: Mestre Félix, babalaô com terreiro em Jaraguá; Pai Adolfo, fundador do terreiro no Poço; Chico Foguinho, dono de terreiro da Rua Pernambuco Novo, João Catarina, dono do Terreiro no Trapiche da Barra; João Funfum, fundador de terreiro na Levada; Manuel Guleijú, dono de afamado terreiro no Mutange; Maria da Cruz, mãe do terreiro de Ijêxá, no Flexal de Cima, entre outros que, pesquisados, podem elucidar tal processo.

A sociedade (branca) alagoana no começo do século XX: a história da sociedade alagoana está marcada pela era dos Malta, com longa permanência no poder. Na esfera urbana, se verifica o crescimento de uma pequena burguesia comercial e a afirmação da aristocracia rural. As camadas média – bacharéis, jornalistas, artistas, estudantes – e populares, trabalhadores em geral: canoieiros, pescadores, operários, comerciários, ferroviários) se mobilizam para derrubar Euclides Malta. Esse tópico irá abordar o envolvimento, a configuração das classes sociais da época e suas relações com a política local, e a população negra, a crioula, a branca.

Euclides Vieira Malta e sua suposta relação com os xangôs:

- 1) Euclides Malta Governou de 1900 a 1912, com total autonomia, o Estado de Alagoas. Seus relacionamentos tradicionais e personalistas eram alimentados por fidelidades políticas em troca de proteção.
- 2) Acusado de manter ligações com os xangôs (vistos estes como casas de feitiçarias) e com os pais e mães-de-santo em troca de proteção, a reeleição de Euclides Malta no poder teria sido o pivô para a invasão e devassa dos terreiros. Supõe-se que esse fato culminou também no seu fracasso eleitoral e a destruição dos terreiros.

Personagens (políticos) ligados ao “quebra-quebra”: Hermes da Fonseca, então presidente da República, liderava, na figura de Plínio Salgado, o movimento “salvação” - que pretendia derrubar as oligarquias do Norte, batizadas em Alagoas de “soberania”, e fazia oposição a Euclides Malta;

Clodoaldo da Fonseca, coronel do Exército (cunhado de Hermes da Fonseca) do partido democrata, sucedeu Malta após o “quebra-quebra” de 1912.

Outros personagens chave: Fernandes Lima, chefe do partido Democrático em Alagoas, importante liderança política na região, instigou a criação da “Liga dos Republicanos Combatentes”; Manuel Luiz da Paz, sargento reformado, que em ação militar em Canudos, perdeu uma perna; presidia a “Liga”. Oposto à Malta, comandou todos os episódios de rua que tumultuavam a vida no Estado, dirigiu o “quebra-quebra”.

A Liga dos Republicanos Combatentes – a face escura da perseguição: A “Liga”, forma particular de polícia, foi criada em 17 de dezembro de 1911 com a finalidade de fornecer suporte físico à campanha de suporte persecutório contra o governador Euclides Malta a favor da eleição de Clodoaldo da Fonseca. O objetivo dos levantamentos anteriores é esclarecer os atos e ações da Liga, cujas consequências terminaram, supões-se, em espancamento e até morte de pais e mães-de-santo e na destruição da cultura religiosa negra.

Os integrantes da “Liga”: a “Liga”, de acordo com algumas pesquisas era composta por pessoas de baixa renda, trabalhadores em geral (que se opunham ao governo Malta), em sua maioria negros e mestiços, cujas moradias ou circulação dividiam o espaço com vários terreiros então existentes. Inclusive, um dos terreiros situava-se na mesma rua em que morava Manuel Luiz da Paz.

Pessoas que podem dar depoimentos sobre a Liga: Estudiosos, parentes e amigos de antigos políticos em Maceió.

Imagens de arquivos iconográficos da capital alagoana no início do século e sua população, bairro, ruas e avenidas: Fotografias, filmes, jornais, relatos orais, anúncios etc, que servirão para narrar imagetivamente Maceió do início do século.

Mapeamento dos atuais terreiros, pais e mães-de-santo: Os cultos afro-brasileiros na atualidade, suas festas, “dias de santo”, seus adeptos, parâmentos, apetrechos religiosos, rituais sagrados, suas correlações ou sincretismos com os santos católicos serão abordados de forma geral para sinalizar ou assinalar sua diversidade.

As coleções/memória como fatos sociais: Volta as peças da coleção *Perseverança* e as imagens dos terreiros de xangô na atualidade, seus adeptos, rituais, pais e mães-de-santo, para assinalar vários ângulos através dos quais se pode pensar a relação da cultura religiosa negra ou afro-brasileira com a população (de forma geral), com o movimento negro e com o Estado. É preciso ressaltar que ao analisar essas questões não podem ser analisadas unicamente através dos fatos. Os mesmos, não são

isolados, e sim, vistos enquanto representações dos aspectos históricos, individuais e sociológicos de uma problemática, a do “quebra”.

Depoimentos de negros, estudiosos da questão negra, lideranças negras em Alagoas, religiosos acadêmicos, políticos e alguns representantes de outras religiões: Observar e analisar a visão que se tem sobre os cultos afro-brasileiros por outras opções de fé, como os evangélicos, por exemplo, que associam os aspectos religiosos afro ao diabo.

Pesquisa sobre o Tema

“1912, o quebra de xangô” – história alagoana da perseguição sobre os terreiros afros em Maceió, AL, não será abordada apenas numa visão restrita do ocorrido aquela noite do dia 1º de fevereiro de 1912. A particularidade do tema tenta abranger um sentido amplo do episódio, abordando o fato histórico e suas consequências na formação do imaginário sócio-cultural, político e religioso da população negra em Alagoas no início do século XX em contato com a sociedade branca da época aos dias atuais. O tema nos remete primeiramente ao aprofundamento das razões pelas quais se deu início à perseguição contra os cultos afro-brasileiros em Maceió, em 1912, sua extensão às periferias e, posteriormente, para todo o interior do Estado, de modo que, a pesquisa se centrará em cinco etapas:

A primeira: Abordará detalhadamente o episódio que ficou conhecido como “o quebra-quebra” que culminou com a invasão dos espaços religiosos dos negros em Maceió, enfatizando a perseguição, o espancamento de alguns de seus membros e a destruição de todos os terreiros de xangô da capital por elementos populares “acionados” pelos integrantes da Liga dos Republicanos Combatentes; a destruição em via pública, de paramentos e utensílios ritualísticos e o destino final da cultura material religiosa que sobreviveu à devassa de 1912 e suas práticas religiosas da população negra contemporânea.

A segunda: Buscará as razões dessa perseguição e suas origens no início da segunda década do século XX, com ênfase nas práticas religiosas da população afro-brasileira em Maceió, sua relativa autonomia naquele contexto; considerando em particular, as “boas relações” com Euclides Malta, governador na época, estreitamente relacionado ao “quebra”; a repercussão do nefasto episódio para os negros em Alagoas, no contexto político estadual, conhecido então, como a “era dos Malta”, que governou três mandatos, entre 1900 e 1912.

A terceira: Se centrará em três etapas: **I)** identificação dos antigos terreiros e sua localização pelas ruas e bairros de Maceió, bem como a nominata de pais e mães-de-santo em atuação naquele período, considerando sua importância religiosa, étnica e suas relações com a política local. **II)**

Mapeamento dos terreiros existentes na atualidade e busca de relação(ões) étnicas e espacial com os antigos. **III)** Localização dos pais e mães-de-santo contemporâneos mais importantes, inclusive alguns descendentes, se possível e a tomada de seus depoimentos atuantes, resgatando o que for possível de sua memória acerca do episódio de 1912, e expor sua posição frente àquela problemática e suas consequências.

A quarta: Se centrará nas condições religiosas da população negra contemporânea, considerando na posição sócio-cultural atual, tendo como ponto de referência os folguedos de origem afro, negra: quilombo, coco-de-roda e, por conseguinte, o guerreiro, já bem sincretizado com o catolicismo, entre outras expressões cuja representação está influenciada pelas derrotas dos negros e sua “submissão” e resistência.

A quinta: Paralelamente, serão entrevistados, historiadores, lideranças do movimento negro e algumas pessoas adeptas à religião afro-brasileira para tomada de depoimentos frente ao episódio de 1912 e à questão do negro e sua religião. Serão também feitas tomadas de festas e rituais de origem afro em Maceió para enfatizar sua posição e diversidade dos cultos de origem afro atual em Alagoas e seu sincretismo. Este recurso imagético reorientará para uma visão ampla da religiosidade no Brasil hoje e a inserção do negro nas novas religiões, sobretudo a evangélica.

Eleição e Justificativa para a(s) Estratégia(s) de Abordagem

Reconstituição Ficcional: Apresentação dos fatos, do “quebra-quebra” em 1912, a destruição dos terreiros de Xangô em Alagoas e a perseguição aos pais e mães-de-santo naquela época, a partir da Coleção Perseverança, utilizando somente as imagens das peças (intercaladas com imagens dos recortes de jornais) e a atuação de uma única atriz, possivelmente no papel da Tia Marcelina, que narrará⁴ unicamente o nefasto episódio e suas consequências. Este recurso de reconstituição ficcional, especificamente neste caso, visa criar uma atmosfera de concentração na história deste acontecimento em detrimento do negro e de sua resistência. Não obstante, não se pretende fazer uso de recursos piegas, mas uma reconstituição (dramática) histórica na forma de narrativas (visuais, textuais, orais) no sentido de situar o momento histórico, a violência, a indiferença e a irresponsabilidade política e social em ações que perenizam a degradação da cultura negra e suas expressões em Alagoas, Maceió, Brasil.

4 Com auxílio de texto previamente escrito, discutido, analisado, sintético, com o auxílio dos recursos visuais das imagens, antes descritas.

Informações sobre a situação populacional em Maceió no início do século: Algumas pesquisas retratam a situação política e econômica das classes sociais (políticos, usineiros, operários, intelectuais, artistas, escritores, etc), existentes naquele período, seus conflitos e contradições religiosas, culturais. Faz-se necessário esclarecer alguns aspectos situacionais da sociedade e seu conjunto, visando situar e esclarecer os caminhos que desembocaram no “quebra-quebra”. Serão utilizadas imagens e informações fornecidas pelos jornais e documentos, fotografias – de cenas urbanas, rurais, do cotidiano no início do século XX, que, através de exposições de antropólogos, artistas, intelectuais, serão intercalados às narrações orais com a imagética da época.

Informações particulares sobre os aspectos políticos (seus personagens ativos, partidos e atuações) em Alagoas entre 1900 e 1912: Há uma série de informações fornecidas pelos jornais e documentos locais da época – fotografias, pintura e charges, que estabelecem um paralelo entre as informações fornecidas por especialistas no sentido de situar os principais atores políticos da época e suas intrigas.

O Governador Euclides Malta e seu governo (1900-1912): Será importante recompor as relações do governador com os xangôs. Isso será feito por especialistas e pessoas que possam prestar depoimentos sobre suas possíveis relações com os xangôs, principalmente com o terreiro de Tia Marcelina.

A população negra em Alagoas: aspectos situacionais (políticos, econômicos, sociais, religiosos. Depoimentos de pessoas ligadas ao movimento negro: antropólogos, historiadores, entre outros –, que discutirão tais aspectos como uma forma de contextualizar a população negra em Alagoas de modo geral no início do século XX.

Os terreiros de Xangô em Maceió (aspectos gerais) no início do século XX: Para mostrar a distribuição espacial dos terreiros, sua organização, prática; pais e mães-de-santo, sua cultura, inter-relações e posições sociais locais, serão captados depoimentos de especialistas, pais e mães-de-santo que esclareçam os dados anteriores. Serão intercaladas na narrativa, imagens de arquivos da população negra em Alagoas, de ruas, prédios, pessoas, cenas urbanas do cotidiano em geral da Maceió da época. Será utilizada, também, música negra (cantos – sem instrumentos musicais – de xangôs tradicionais, intercalados com as imagens dos terreiros) na voz de atores sociais reais, isto é, pais ou mães-de-santo.

As relações da população branca com os terreiros em Alagoas: Através de depoimentos de especialistas, serão mostradas essas relações, ou seja, a aceitação ou negação, a visão dos brancos em relação aos terreiros; e o suposto envolvimento de Euclides Malta com os terreiros que supostamente o protegiam através de “feitiçarias” e que desembocaria na criação da Liga dos Republicanos Combatentes.

Liga dos Republicanos Combatentes: Serão resgatadas informações sobre as funções da Liga e finalmente será mostrada a investida contra os terreiros, no desfecho final.

A perseguição, desestruturação, dispersão: o silêncio

1) Num primeiro momento, ganharão voz apenas aspectos históricos. Serão mostrados os recortes de jornais (trechos) que narram o episódio, enquanto um especialista entrevistado falará do acontecido, da forma de tratamento atribuída aos negros e a sua cultura religiosa, a seus adeptos. Este bloco fecha em silêncio total.

2) Entra em cena a atriz – retomando os pais e mães de santo (Tio Salu, Chico Foguinho, Manuel Guleijú, Maria da Cruz, Manuel Martins, entre outros), para abordar alguns de seus aspectos biográficos e sua atuação e importância na época. Paralelamente as peças mostram o poder ritualístico e identitário da cultura religiosa negra, Africana, alagoana, brasileira. Fecha com os cantos de pais e mãe de santo, com atabaques.

Entrevistas de confronto – Sobre o tratamento atribuído às questões negras no Brasil enquanto memória coletiva: serão realizadas com especialistas alagoanos sobre os seguintes tópicos: **a)** A Coleção Perseverança chegou no Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas de forma violenta, repressão e opressão contra o negro e sua cultura religiosa. **b)** Foi inicialmente classificada (1912) de forma negativa para marcar oposição à oligarquia política local, acusada de manter ligações de feitiçaria com os Xangôs. **c)** Foi exposta em praça pública, como punição a essa prática. **d)** Entre 1950 e 1970, com o objetivo de valorizar a cultura do negro em Alagoas, passou por outras classificações (de sociólogos e museólogos) do Instituto.

Destinada inicialmente para mostrar a ligação da oligarquia Malta com os xangôs, muitas peças foram queimadas em praça pública. As que sobraram foram classificadas na atualidade com o termo que os objetos recebem nos terreiros, definidos por autores clássicos. De acordo com especialistas, esta coleção é única devido à originalidade de suas peças e, sobretudo, devido ao fato de ter se

originado em práticas ideológicas opressivas direcionadas em detrimentos do negro e de seus valores sociais, religiosos, culturais.

O objetivo desta estratégia de abordagem é o de evidenciar as contradições e indiferenças inerentes à atuação do Estado em relação à população negra.

Entrevista de confronto: Com pais e mães-de-santo adeptos de terreiros (jovens e anciãos) na atualidade, captando seu ponto de vista sobre a religião afro-alagoana e seus depoimentos sobre a resistência, a partir do “quebra-quebra”, para um resgate da memória religiosa e suas práticas, e confronto com outras religiões. Paralelamente às entrevistas, serão mostradas imagens contemporâneas de prédios, pessoas, cenas urbanas (das ruas de bairros centrais e periféricos de Maceió), onde antes existiam os terreiros.

Registro do cotidiano: O cotidiano será representado pela captação de imagens das pessoas negras, dos terreiros e cultos afro-alagoanos, de festas coletivas, dos processos de iniciação religiosa; os canto e materiais etnográficos de suas práticas.

Serão utilizados recursos técnicos de *montagem vertical*; enquadramentos fechados e abertos no sentido de criar imagens simbólicas, tanto de isolamento como para ampliar sua imagem para outros horizontes, valorizando a cultura do negro negligenciada pelo branco e suas instituições.

Desenvolvimento do Roteiro

“O quebra-quebra”, retomado mais tarde como a “operação xangô”, a “devassa de 1912” ou o “dia do quebra”, na história de Alagoas, é tido como uma das estratégias político-partidárias mais nefastas, mas pouco abordada e envolveu as comunidades religiosas negras e a oligarquia alagoana naquele início de século, jogando a sociedade dominante contra o negro e sua religião a ponto de serem “interrompidos” suas práticas culturais e seus rituais ou religião. Ou seja, os aspectos criativos, aglutinadores e transformadores da sociedade negra no transcurso de sua organização social e continuidade étnica pós-escravocrata (1888).

A coleção, objetos/personagens principais, testemunho daquele momento, guiará um retorno àquele dia, e aos dias posteriores à devassa e suas principais conspirações, ações e conseqüências. Através do material exposto no Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, dos documentos existentes, depoimentos de pais e mães-de-santo e de estudiosos, as peças focalizam, também, na atualidade, a prática religiosa e cultural (música, canto, dança, práticas ritualísticas) e os aspectos situacionais

(daquele período e na atualidade) do transitar do negro em Alagoas e seus movimentos de afirmação e reafirmação étnico-religioso.

O documentário terá como tema principal “O quebra de 1912”. A partir da coleção *Perseverança*, “personagem principal” e “único sobrevivente” daqueles nefastos dias, se dará início ao documentário com uma mulher negra que narrará a noite de 1912 e dias posteriores (possivelmente no papel de Tia Marcelina). A partir daí, o documentário será dividido em quatro blocos centrados no episódio de 1912, que resultou na destruição e perseguição aos terreiros e cultos afros, pais e mães-de-santo em Maceió, daquela época, estendendo-se para todo o Estado, de modo que o documentário, será desenvolvido em três partes.

1) A narrativa, no primeiro momento, tratará do episódio de 1912, “o dia do quebra”; “a invasão ao terreiro de Tia Marcelina” e as peças que restaram da devassa.

2) Será focado o contexto geral da época: com o apoio de documentos – textos e imagens – da época, depoimentos de intelectuais, pais e mães-de-santo, e alguns membros das comunidades religiosas negras contemporâneas e seus adeptos, a narrativa transitará sobre os acontecimentos, as perseguições, as mazelas daquele período para a população negra; sobre as relações entre negros e a sociedade branca naquela época e o significado ou as consequências da devassa de 1912 para o povo negro em Alagoas.

3) Os afro-alagoanos hoje entram em cena através das transformações e formas de expressões (sincréticas) individuais e coletivas da religião e da cultura afro-brasileira. A narrativa irá, também, ao encontro dos descendentes de pais e mães-de-santo daquele tempo, então, no intuito de localizar e de dar visibilidade às trajetórias culturais, às práticas religiosas, sociais e políticas de sua resistência e continuidade étnica; à reorganização religiosa e social, localização e expressões dos terreiros afro-brasileiros contemporâneos de seus membros e adeptos, enfatizando sua organização, prática e continuidade a partir de 1912.

A partir destas diretrizes, segue uma sugestão de estruturação para o documentário dividido em quatro blocos. Cada um será introduzido por depoimentos e imagens pertinentes aos períodos/situações neles representados. Não se fará uso de locução. Os depoimentos junto às imagens serão responsáveis pela narração do documentário. Esta estratégia buscará fugir do tom de denúncias induzidas por narrações em “off”. Sugere, porém, uma postura analítica e crítica da sociedade alagoana e sua formação no início do século XX e as contradições próprias contidas nos

processos sociais locais, enquanto as imagens do presente e os depoimentos de pessoas ligadas às questões afro em Alagoas sinalizarão os processos e seus precedentes pelos quais vêm existindo e resistindo a população negra e sua religiosidade em Alagoas e, por conseguinte, no Brasil.

Bloco I

1º de fevereiro de 1912, “o dia do quebra”. A Noite da devassa. Uma atriz negra, com cenário fictício em uma estreita relação com a coleção “Perseverança”, narrará o episódio daquele dia, a destruição do terreiro, o espancamento, a usurpação do espaço e utensílios rituais e seu destino final como acervo museográfico. Texto, voz, som e imagens compõem uma representação sintética daquele dia.

Bloco II

O afro-alagoano na época e o contexto político. Depoimentos de pessoas ligadas à causa e à religião afro. Percursão (som), canto (rituais), os ornamentos apreendidos durante “o quebra”; Maceió antigo: ruas, praças, monumentos, cenas urbanas em geral serão utilizadas para complementar a narração dos depoentes ou entrevistados sobre o contexto. Em alguns momentos, imagens, textos (depoentes), imagens e som serão intercalados no intuito de comunicar melhor este bloco.

Os depoentes exporão:

1. Contexto político do “quebra”;
2. Referências do “quebra” – compilação (história oral) sobre o episódio;
3. Oligarquia da época o governo Malta e seus oponentes (historiador).

Bloco III

Entrevistas de confronto – historiadores, antropólogos, museólogos:

1) A coleção *Perseverança*, a Liga dos Republicanos Combatentes, a sociedade Maceioense em 1912, o tratamento atribuído às questões negras enquanto memória, enquanto visão/aceitação da diversidade sócio-religiosa dos negros e suas comunidades.

2) A repercussão do episódio de 1912 na situação atual dos afros brasileiros em suas práticas religiosas. Entrevistas com pessoas do Movimento Negros e especialistas alagoanos sobre os assuntos antes expostos.

As imagens deste bloco situarão os espaços e personagens públicos (referências em 1912), que atuaram no processo de “O quebra”, procurando confrontá-los com as polêmicas antes referidas.

Bloco IV

Entrevistas confronto (análise conclusiva):

1) Os afro-brasileiros hoje, os folguedos, a religião afro no Brasil, a repercussão do “quebra” na(s) situação(ões) atual(ais).

Serão entrevistados estudiosos sobre as expressões “folclóricas” afro-alagoana. A religiosidade afroalagoana (brasileira): pais, mães-de-santo; pessoas ligadas ao Movimento Negro, adeptos de cultos afro em Alagoas, Brasil.

Este bloco fecha com a volta da atriz em cena referindo-se à resistência, continuidade, afirmação e reafirmação religiosa, dos rituais, da negritude, ou seja, das condições das pessoas negras, as características que os distinguem da sociedade dominante; enquanto as imagens da coleção *Perseverança*, ao som de alguns instrumentos, recobram, restabelecem o diálogo entre o negro, suas lutas.